

Discurso e construção de corpos femininos infamizados  
na série Segunda Chamada

*Discourse and the construction of infamous  
female bodies in the series Segunda Chamada*

Allan Alfredo Silveira dos ANJOS<sup>1</sup>  
Manassés Morais XAVIER<sup>2</sup>  
Maria Angélica de OLIVEIRA<sup>3</sup>

**Resumo**

Este artigo tem por objetivo discutir a construção do corpo feminino infamizado por relações discursivas que autorizam o rebaixamento de mulheres. Para tanto, adotamos, metodologicamente, as perspectivas de Baccega (2013) sobre a relação entre o discurso real e o ficcional, analisando duas cenas da série Segunda Chamada, de uma emissora de TV aberta, exibida em 2019. Delimitamos nossa discussão teórica nas contribuições de Michel Foucault (2000; 2006; 2008; 2014) para a noção de discurso e de relações de poder-saber-verdade, que nos nortearam na noção do corpo e no ato de infamizar o sujeito mulher. Concluímos com a visão de que o corpo feminino é um produto social moldado e conduzido por relações discursivas que tendem, sob a égide do domínio masculino, a naturalizar a sua desvalorização e autorizar a sua desimportância de acordo com o contexto sócio-histórico e cultural vigente.

**Palavras-chave:** Segunda Chamada. Corpo infamizado. Discurso. Relações de Poder-Saber-Verdade.

**Abstract**

This article aims to discuss the construction of the *infamous female body* through discursive relations that authorize the degradation of women. Methodologically, we adopt Baccega's (2013) perspectives on the interplay between real and fictional discourse, analyzing two scenes from the TV series *Segunda Chamada* (broadcast on open television in 2019). Our theoretical framework is anchored in Michel Foucault's contributions (2000; 2006; 2008; 2014) to the notions of discourse and *power-knowledge-truth* relations, which guide our understanding of the body and the act of *infamizing* women as subjects. We conclude that the female body is a social product

---

<sup>1</sup> Mestrando em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande.  
E-mail: allanalfred1@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: manassesmxavier@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: maria.angelica@professor.ufcg.edu.br

shaped and governed by discursive relations that—under the aegis of male dominance—tend to naturalize its devaluation and legitimize its marginalization, contingent on prevailing socio-historical and cultural contexts.

**Keywords:** Segunda Chamada. Infamous body. Discourse. Power-knowledge-truth relations.

## Introdução

Para Foucault (2006 [1977]), é por meio do discurso que os sujeitos marginalizados são direcionados ao apagamento histórico, pois os corpos não aceitáveis devem ser esquecidos e/ou silenciados por serem “infames”. Partindo da ideia proposta pelo autor, ao considerarmos que os corpos não são naturalmente infames, propomos uma alteração em relação à denominação do pensador. Na defesa de que os corpos são frutos de um constructo social atravessados por discursos, no lugar de denominá-los de corpos infames, são aqui nomeados, pois, corpos *infamizados*.

Conforme dito, os sujeitos e seus corpos são identificados, julgados e condenados a partir da materialidade discursiva que possui preceitos e valores impostos pelo regime de verdade social vigente. Logo, carregam em sua apresentação social valorização ou desvalorização, o que abre o leque para diferentes estigmas desviantes das normalidades impostas pela formação social. Diante disto, a pergunta que movimenta este artigo está na seguinte questão: Como o discurso opera na formação de corpos femininos infamizados de acordo com a cultura vigente que autoriza a sua formação? Na tentativa de respondermos essa questão, temos como objetivo geral discutir a construção do corpo feminino infamizado por relações discursivas que autorizam o rebaixamento de mulheres.

No tocante à metodologia, analisamos duas cenas da primeira temporada da série *Segunda Chamada*, exibida por uma rede de TV aberta de destaque em nossa sociedade, em 2019. A escolha do material está detida na concepção de Baccega (2013), para quem as obras ficcionais se relacionam com o plano real da história humana através dos significados discursivos empregados no estético. Como respaldo teórico centramos nossa discussão nas contribuições de Foucault (2000; 2006; 2008; 2014) para a noção de discurso e relações de poder-saber-verdade, que nos nortearam na noção do corpo.

No tocante à estruturação, para além desta breve introdução e das considerações finais, este artigo está estruturado em mais duas seções. Na primeira seção, discutimos a

noção de discurso, relações de poder-saber-verdade e corpo a partir das contribuições de Foucault. Posteriormente, desenvolvemos a análise do *corpus*, detidos nos corpos femininos infamizados sob a regulação do discurso, onde salientamos como o patriarcado, o machismo e a misoginia operam como elementos culturais para o rebaixamento do sujeito mulher.

Acreditamos que este artigo, fruto de uma dissertação de mestrado, é uma continuidade da ruptura da análise do discurso a partir da virada pragmática, uma vez que damos continuidade às divergentes contribuições investigativas ao analisarmos as relações sociais e suas inter-relações com a linguagem e produções de sentido na percepção discursiva em corpos infamizados. Nesse viés, o presente artigo é uma contribuição para o desenvolvimento da noção de corpos marginalizados que, historicamente, são silenciados e oprimidos de acordo com os regimes de verdades e produções de saberes dominantes na sociedade.

### **Discurso foucaultiano e construção do corpo infamizados**

No pensamento foucaultiano, os discursos são construções sociais fundantes em um campo enunciativo. A preocupação investigativa do filósofo estava centrada em compreender como os discursos – materialidades expressas em enunciados –, surgem e se legitimam de acordo com suas produções. Assim, uma análise discursiva está baseada na compreensão da formulação de um enunciado, seu contexto histórico e único que determina as condições de significados expressos em sua materialidade (Foucault, 2008 [1969], p. 31).

Assim, é por meio dos enunciados que as unidades significativas de sentidos surgem e se acumulam através do tempo, sendo reformuladas, silenciadas, esquecidas e/ou reutilizadas de acordo com o espaço-temporal que autoriza sua possibilidade discursiva. Portanto, identificamos o enunciado como uma entidade manipulada através do seu uso e formas de produções que carregam sentidos nas relações entre o sujeito e a sociedade.

Essas relações, por sua vez, são instituídas por relações de poder que hierarquizam os discursos com relevância e prestígio social, o que determina o discurso estar situado na ordem das leis, pois “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências [...] nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis

[...]” (Foucault, 1996 [1970], p. 37). Por essa razão, o autor situa que em qualquer tipo de relação humana – seja ela amorosa, institucional, econômica ou religiosa –, as relações de poder são inevitáveis, caracterizadas pelo esforço dos sujeitos em conduzir tanto sua própria conduta quanto a do outro.

Sendo dinâmicas e transitórias, essas relações de poder não se estruturam de forma igualitária; pelo contrário, apresentam desigualdades. A afirmação de que essas relações são desequilibradas e desiguais implica a existência de uma escala hierárquica de níveis de poder. Assim, o lugar social ocupado pelo indivíduo define sua posição: ora desempenhando a ação do poder, ora sendo alvo dessa ação, transitando com maior ou menor intensidade entre essas posições (Foucault, 2004 [1984]).

Com isso, o poder deve ser entendido como um conjunto de jogos estratégicos (Foucault, 2004 [1984]), pois situa uma relação de ações entre sujeitos e opera como uma força produtiva que regula suas vidas e orienta suas ações através do discurso. Com essa ampla visão, Gregolin (2006) afirma que pensar em discurso para Foucault é, necessariamente, discutir a prática de sua produção e condução, que nos leva a investigar a regularidade de uma prática discursiva e seu exercício de produção a partir de um vestígio social que o regula.

Por essa razão, as relações de poder estão intrinsecamente vinculadas à esfera do saber. Os diferentes campos de saber, como o psiquiátrico, o médico e o literário, legitimam a autoridade do discurso verdadeiro. Esses discursos, conforme argumenta Foucault (2006 [1977]), tornam-se instrumentos pelos quais somos julgados, condenados, classificados, compelidos a realizar certas tarefas e direcionados a modos específicos de viver ou morrer. Assim, os discursos verdadeiros carregam consigo efeitos específicos de poder que moldam e regulam a vida dos indivíduos.

Portanto, ao se deter na percepção de como o saber se relaciona com as relações de poder, o pensador evidencia que o saber não é neutro, mas acoplado nas instâncias do poder e das condições históricas que o produz. Nesse prisma, o discurso é um processo histórico que molda, controla e regula os sujeitos, estes produzidos por formas corporais que os marcam a assumirem determinadas posições por decorrência de diferentes marcações simbólicas, como, por exemplo, racialidade, gênero e classe. Logo, o corpo é elemento fundamental na análise de como os sujeitos estão inseridos em complexas relações de poder-saber-verdade.

Isso porque Foucault destacou a grande valia de investigar e analisar como os discursos agem e atuam sobre os corpos, pois “[...] não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos” (Foucault, 2023 [1976], p. 235). Assim, defendemos que o corpo não é um elemento de natureza neutra e apenas biológico, pois é atravessado, constantemente, por relações de poder-saber-verdade que o molda e o direciona às normas sociais instituídas (Foucault, 2014 [1975]).

São as normas sociais que regulam as práticas e determinam o comportamento do corpo e sua conduta, e tais normas podem ser visíveis nas diferentes instituições, o que desencadeia em uma disciplina que orquestra, como mencionamos, a posição social que alguns corpos podem ter, quem possui o direito discursivo e o respaldo para produção de saberes e regimes de verdades. Essas percepções nos demonstram, acima de tudo, quais corpos podem seguir no prestígio social em contraponto aos corpos que, por determinações das relações de poder-saber-verdade, são marginalizados e excluídos.

Por meio das relações de verdade, fundamentadas nas dinâmicas de poder e saber, que se define o modo “verdadeiro” de ser sujeito em uma determinada formação social. Essas relações estão intrinsecamente ligadas às “histórias das moralidades”, cuja função é convocar o indivíduo a se constituir como sujeito moral. De acordo com Foucault (2004 [1984]), a moral, em seu sentido amplo, apresenta duas dimensões principais: a dos códigos de comportamento e a das formas de subjetivação. A primeira refere-se às regras, comportamentos e leis que devem ser assimilados e respeitados, configurando-se como o código moral imposto em uma comunidade. As autoridades que sustentam esse código têm o papel de garantir sua aprendizagem e obediência.

Ainda consoante o autor, a segunda dimensão da moral, relacionada às formas de subjetivação, diz respeito à consciência de si e à relação do indivíduo consigo mesmo. Envolve o processo de decifração de si, o exame introspectivo e as transformações que o sujeito busca realizar em si próprio (Foucault, 2004 [1984]). Como mencionado anteriormente, esses dois aspectos – o código moral e a subjetivação – são inseparáveis na constituição do sujeito moral. A ação moral está, portanto, vinculada tanto às normas, regras e códigos externos ao indivíduo quanto à relação interna deste consigo mesmo e ao conhecimento de si.

Sobre isto, no ensaio *A vida dos Homens Infames*, Foucault (2006 [1977]) utiliza a palavra infame para designar sujeitos que não possuem significância e relevância na

história da humanidade. Esses sujeitos, de algum modo, infringiram o código moral determinado pela formação social e suas vidas foram alteradas por enunciados capazes de marginalizar suas existências. Assim, a (in)existência dos sujeitos se dão ao entrarem em confronto com as relações de poder e os códigos morais que os regem. Essa percepção nos leva a noção de que, antes do discurso que institui a infâmia, o sujeito é tido como elemento social “normal”.

É justamente, pois, a normalidade instituída que mantém as possibilidades da aceitabilidade de um sujeito. Assim, é por meio da obediência que o corpo possui sua docilidade e utilidade, pois colabora com as relações sociais dominantes. Neste viés, se o poder é uma ação responsável por conduzir as condutas dos sujeitos, seu corpo é o produtor intelectual deste ato, sua matéria prima que não é concreta no meio social, mas sim formulada por questões que sustentam o saber da sociedade.

É neste sentido que propomos a alteração da palavra “infame”, empregada por Foucault (2006 [1977]), e alegamos que a construção de sentido que transmuta um corpo aceitável para um corpo marginalizado não é, na realidade, algo natural, mas sim uma conduta ditada pelos códigos morais que o governa, que o conduz ao rebaixamento social. É, pois, um elemento social operado pelo discurso instituído por regras que os permite ganhar sentido e respaldo. Assim, nossa proposta pode ser compreendida na seguinte exemplificação:

**Quadro 01:** Os sentidos entre o corpo Infame e Infamizado.

PALAVRA	CLASSE	PROCESSO MORFOLÓGICO	SENTIDO
Infame	Adjetivo ou Substantivo	In- [prefixo de negação]; fam- [radical do substantivo <i>fama</i> ]; -e [vogal temática].	Qualifica/determina o sujeito que não possui uma prestigiada reputação no meio social.
Infamizado	Verbo participio passado	In- [prefixo]; fam- [radical]; iza- [sufixo verbal]; -ado [sufixo do participio].	Determina o estado e/ou condição do sujeito que sofreu a ação.

**Fonte:** Produção dos autores.

No pensamento foucaultiano, embora o sentido discursivo não esteja na ordem abstrata instituída por signos gramaticais, a palavra é um elemento central na compreensão de como circunda as práticas discursivas. Logo, pode-se ter a noção de que

o sentido discursivo de infame, como Foucault propõe em seu ensaio, determina uma condição natural que qualifica e/ou determina a posição de prestígio do sujeito, como pode-se observar no **quadro 01**. Já a noção de infamizado, como propomos, induz ao estado e/ou condição de um sujeito que sofreu uma determinada ação discursiva. Logo, não é natural de sua essência, mas foi construído pelo discurso operante que conduziu seu corpo.

Neste prisma, a palavra é uma ferramenta de poder e um campo de luta onde se disputam significados e verdades. Sua presença e atuação social são reguladas de maneira a atender interesses específicos, o que determina a função produtiva na sociedade e sua utilização em cada discurso produzido. Com o intuito de delimitarmos a análise e apresentarmos nossa concepção, recorreremos à investigação de como o corpo feminino na série *Segunda Chamada* pode ser infamizado, levando em consideração a concepção de Baccega (2013) de que o plano real se liga com o artístico por meio das palavras e suas produções de sentidos.

### **Construção de corpos femininos infamizados na série Segunda Chamada**

Como discorrido, os discursos são construções históricas que perduram séculos e são reformulados e reutilizados ao longo do tempo. Sobre a noção de história, Baccega (2013) alega que existem dois tipos: a primeira está destinada aos fatos vivenciados pela humanidade, enquanto a segunda é a representação estética das vivências humanas. Ou seja, a história é o que ocorreu, mas também a obra artística que retrata o que aconteceu. Logo, a série *Segunda Chamada*, que foi originalmente apresentada pela Rede Globo em parceria com a produtora O2 Filmes, em 2019, apresenta dois tipos de história: a narrativa artística e os elementos históricos da sociedade que conduzem as personagens. É por meio das palavras que os dois mundos se interligam, criando discursos que conduzem que o sujeito.

Para a presente análise, delimitamos a investigação na relação de três personagens do terceiro episódio da primeira temporada. Gislaine (interpretada pela atriz Mariana Nunes) desperta o interesse de Leonardo, filho do diretor da escola, Jaci (interpretados por Leonardo Bittencourt e Paulo Gorgulho, respectivamente). A trama da personagem gira em torno da sua profissão de garota de programa, o que a faz sofrer assédio moral do

diretor da escola e assédio sexual de Leonardo. A seguir, tem-se a transcrição da primeira cena para compreensão de como o discurso age na infamização do seu corpo:

**Quadro 02:** O discurso infamizador.

[...]

Leonardo – **Tô falando com o diretor. [...] Eu fui querer impressionar uma garota aí dizendo que era teu filho e tal, só que só piorou a situação, porque agora que ela não quer nada comigo.**

Jaci – Você deveria parar mais de pensar em mulheres e se concentrar em estudar [...]

Leonardo – Ah, pois é, pai, só que tarde demais. Já tem uma gata aí, uma tal de Gislaine, que **eu não dou uma semana pra ela estar na minha, quer apostar?**

Jaci – Deixa essa moça em paz, Leo.

Leonardo – Ué, por quê? **Ela é a mais gata da escola.** Tá com preconceito por que ela é pobre? É isso?

Jaci – **É só porque ela é diferente das moças que você tá acostumado a conviver,** só isso.

Leonardo – É, eu sei. **Ela é diferente porque é uma mulher muito mais interessante** [Jaci interrompe].

Jaci – Leo, **não quero que você se envolva com essa moça,** entendeu?

Leonardo – Não, não entendi. Me fala qual é o problema.

[Jaci fica sério/Fim da cena]

**Fonte:** Transcrição própria a partir do GloboPlay.

O enunciado proferido por Leonardo – **Tô falando com o diretor [...] Eu fui querer impressionar uma garota aí dizendo que era teu filho [...]**, expõe a hierarquia masculina do poder e a visão de que os interesses das mulheres estão direcionados às posições de prestígios que podem usufruir. Esse poder simbólico, de ter vínculo parental com um sujeito influente, destaca a estratégia de sedução que reforça os parâmetros machistas de conquistas e é instituída pelo pronome possessivo “teu” [filho]. Como expõe Foucault (1996 [1970]), o discurso não é apenas o dito, mas a prática social que produz o poder e o saber sobre o que foi mencionado. O enunciado, pois, reforça as normas e hierarquias que autorizam as possibilidades de crenças para dominação do sexo feminino e os efeitos de prestígios que o corpo masculino podem possuir, principalmente ao apresentar a herança paterna como trunfo de prestígio.

Assim, o machismo é uma estratégia discursiva que regula e normatiza os corpos femininos, estabelecendo hierarquias de gênero, sexo e, conseqüentemente, de função social através da moral social. Por essa razão, o discurso de Leonardo não é, apenas, reflexo de uma sociedade regida pelo sexismo, mas uma prática que produz e sustenta relações de poder. Os discursos que controlam, pois, os corpos femininos são redes enunciativas que são interpelados a manter o sistema de privilégios masculinos.

Essa percepção está coadunando com o pensamento de Foucault (2023 [1976]) imposto na seção teórica, uma vez que o acoplamento do conhecimento e as memórias patriarcais são reforçadas pelos discursos autorizados por decorrência do poder masculino. Assim, na ordem social vigente, o discurso patriarcal autoriza a simbologia da dominação masculina com a percepção de que a conquista baseada na validação social é o elemento principal para as mulheres. Portanto, nenhuma interação é neutra, pois ela reforça o discurso preexistente a sua formação. O sistema de privilégios para corpos masculinos opera em condutas que superiorizam o homem e alocam o corpo feminino à subordinação.

Essa subordinação ocorre por mecanismos sutis operados de forma calculada pelo sistema vigente. Assim, o corpo feminino é treinado para desempenhos específicos, o que leva a própria mulher a desconhecer o fato de estar sendo moldada. Em outras palavras, a relação de poder que subordina o corpo feminino ao corpo masculino é uma relação estratégica que busca normatizar os saberes da sociedade sobre os papéis de cada gênero.

Conforme já dito, o corpo não é uma questão exclusiva da biologia, mas de questões sociais e econômicas que buscam regulá-lo, utilizá-lo e submetê-lo a determinadas normatividades, a determinados códigos morais. Isso pode ser observado na possibilidade do corpo de Gislaine ser algo de conquista e objeto da posse masculina. Por essa razão, o poder se inscreve diretamente no corpo, conduzindo seus movimentos, estabelecendo limites de possibilidades e determinando quais formas de existência são valorizadas e quais são infamizadas.

Temos essa percepção quando a relação machista ganha continuidade no seguinte enunciado proferido por Leonardo: [...] **eu não dou uma semana pra ela estar na minha, quer apostar?**, o que demonstra a possibilidade da personagem ser vista como objeto. Essa lógica de objetificação reduz a mulher a uma conquista ou prêmio a ser alcançado, sem ponderar sua subjetividade ou vontade. Esse “jogo” de dominação aloca o corpo masculino como agente ativo que reforça o discurso machista ao tratar mulheres como propriedades. **Estar na minha**, pois, desempenha o desejo que Gislaine seja passiva ao personagem machista.

Essa naturalização da mulher como objeto de conquista reforça o regime patriarcal em que o desejo masculino é central. Nesse caso, o discurso machista molda, controla e regula a existência de Gislaine, dando a possibilidade de Leonardo dar continuidade à lógica patriarcal aprendida no saber e regimes de verdades presentes em sua formação.

Assim, sua conduta machista é mantida pelo patriarcado que o seu corpo foi conduzido a interpelar pelas práticas sociais que está inserido, ou seja, aprendido com o seu meio de formação, inclusive seu pai. Isso pode ser aferido no enunciado de Jaci, quando o mesmo profere: **É só porque ela é diferente das moças que você tá acostumado a conviver [...]** e [...] **não quero que você se envolva com essa moça.**

Sob a ótica de Foucault, esse enunciado é um ato de poder disciplinar que busca governar os afetos do interlocutor, delimitando com quem ele pode ou não se relacionar. A distinção machista expressa por Jaci expõe mulheres que são aceitáveis ou marginalizadas; infamizadas. Logo, esse discurso tem o sentido dos valores sociais que naturalizam determinados corpos, comportamentos e origens como mais desejáveis ou legítimos – o que pode desencadear ser tocado por gênero, classe e raça.

Butler (2014, p.262) salienta que “[...] a norma somente persiste como norma enquanto é atualizada na prática social e reidealizada e reinstituída durante e ao longo dos rituais sociais cotidianos da vida corporal”. Assim, a constituição social das posições femininas é reiterada discursivamente ao longo dos séculos sob a ótica do domínio masculino. Logo, as verdades sociais criam a normalidade a ser seguida, e os corpos tidos como legítimos nessa normalidade seguem os parâmetros discursivos que estabelecem as produções de saberes para suas condutas “normais”.

Os desviantes, por sua vez, são destinados à exclusão e apagamento histórico. Por isso alegamos que os sujeitos que desviam os princípios normativos e da moral, como contesta Foucault (2004 84) não são infames – pois seu sentido é natural –, mas sim infamizados, pois é o discurso residente do seu corpo que o torna infamizado. Mulheres lésbicas, trans, negras e gordas frequentemente ocupam esse lugar de exclusão, pois o principal parâmetro da normalidade é regido pelo patriarcado, que institui a servidão da mulher de acordo com sua utilidade econômica e/ou biológica e difunde o machismo e a misoginia.

Portanto, quando Gislaine é tratada por **essa moça**, sua existência não é como sujeito, mas como elemento marginalizado que destina risco à normalidade patriarcal. “Essa” acarreta o sentido de diferente, e no conservadorismo este fato diferente não demonstra o medo do corpo de Gislaine, mas o receio de romper com *status* social ao qual o personagem Leonardo e sua família estão inseridos. Nesta visão, cabe ao provedor da família controlar os corpos que darão continuidade à família e ao legado do seu sobrenome.

Com a total convicção da violência sofrida pela personagem Gislaine, para passarmos à compreensão mais visível sobre seu corpo não ser infame, mas infamizado, destacamos mais dois enunciados de Leonardo: **Ela é a mais gata da escola** e **Ela é diferente porque é uma mulher muito mais interessante**. Percebe-se que, para Leonardo, Gislaine é um corpo “normal”, que o atrai sem estigmas, apesar do discurso machista de conquista. Para o personagem, Gislaine não era, até então, um corpo marginalizado, diferentemente da percepção de seu pai. A cena é finalizada com Leonardo questionando qual seria o problema do seu envolvimento com Gislaine. Embora não tenhamos a resposta do diretor Jaci, a cena seguinte apresenta o motivo. Para isso, passemos para a próxima cena transcrita:

**Quadro 03:** A transmutação de um corpo “normal” para um corpo infamizado.

Leonardo – E aí, tá livre? Vamo fazer alguma coisa.  
Gislaine – Sai fora, garoto.  
Leonardo – Entendi. **De graça não rola, né?**  
Gislaine – Do que você tá falando?  
Leonardo – Que **eu sei o que você faz**. [Leonardo começa a agarrá-la]. **Agora eu quero saber quanto você cobra, hum? 50 a gente fecha?**  
Gislaine – Me solta.  
Leonardo – **Solta por quê? Além de puta você é orgulhosa, é isso?** [Prende o corpo dela contra parede e Gislaine cospe no rosto dele]  
Leonardo – **Você tá maluca?**  
[Professora Lúcia chega e questiona o que está acontecendo]  
Leonardo – **Essa puta que cuspiu na minha cara.**  
Lúcia – Para com isso, Leonardo.  
Leonardo – **Para com isso por quê? Ela cusp...**[Lúcia interrompe]  
Lúcia – Não pode falar com ela assim. Sai daqui!  
[...]

**Fonte:** Transcrição própria a partir do Globoplay.

Como mencionamos anteriormente, Gislaine não era vista como sujeito infame pelo personagem Leonardo. Após a informação da profissão da personagem, seu corpo passa de normal para um corpo infamizado, quando o enunciado “**Além de puta você é orgulhosa**” é proferido. Para Foucault (2008 [1969]) o discurso não apenas descreve a realidade da sociedade, mas a produz. Neste olhar, o termo *puta* fixa no corpo de Gislaine uma identidade social infamizada, que pode sofrer a interseção de compra, agressão e desrespeito em qualquer instituição, como na escola em que a série se passa.

O fator de autorização para formação enunciativa foi a produção da relação de poder instituída entre Leonardo e seu pai, o diretor Jaci, que autorizou a conduta do filho

ao dar-lhe o conhecimento da profissão da personagem Gislaine. Neste caso, o discurso do patriarcado usa a linguagem para transformar o corpo da personagem em algo marginalizado. Seu corpo sob a ótica do personagem não era, antes, algo que pudesse sofrer essa exclusão, mas pelo processo discursivo passou a ser permitido. Foucault (1995 [1982]) demonstra que o poder está nas leis e nas pequenas práticas do cotidiano. Pode-se observar, pois, que essa observação do filósofo pode ser vista na crença do personagem Leonardo considerar normal ofender – infamizar – Gislaine como puta.

No entanto, como Foucault assegura, o poder só se manifesta em sujeitos livres. Logo, o poder é repleto de consentimentos entre os sujeitos que estão inseridos na mesma relação. Onde há poder, há liberdade. Nesse sentido, não é algo estático, mas uma ação em constante movimentação, não estagnado. Embora Gislaine esteja como objeto a ser conquistada ou comprada, sua resistência advém com sua recusa a aceitar os abusos de Leonardo. Embora o corpo da mulher seja historicamente doutrinado a ser dócil para o homem, a resistência de Gislaine advinda com o ato de cuspir demonstra sua não aceitabilidade ao sistema projetado pelo outro personagem. Em outras palavras, seu corpo entra em confronto com o poder, e isso a infamiza através do discurso de Leonardo.

Nessa visão, podemos compreender o cuspe de Gislaine como um elemento discursivo que expressa uma desobediência ao controle masculino, uma recusa simbólica a ser reduzida à infamidade que Leonardo lhe impregnou. Logo, Gislaine reconhece que seu corpo não é algo naturalmente excluído, marginalizado, rebaixado e infamizado. Pelo contrário, a personagem reconhece sua não marcação pela infamidade e recusa os preceitos que a tentam rebaixar ao controle coercitivo do ser masculino.

Encaminhando-se para finalização, detemos o olhar para as reações de Leonardo perante o cuspe-enunciativo de Gislaine. O seu enunciado **Você tá maluca?** expõe a recusa masculina de ser contradito na ordem de dominação. A definição de “maluca”, como mais uma marca que infamiza o corpo da personagem, funciona como estratégia coercitiva de deslegitimar a ação de conduta realizada pelo corpo da personagem. Para Foucault (1997 [1961]), a ideia da loucura é um discurso socialmente construído com a intenção de controlar os corpos não desejados socialmente. Assim, há um controle corporal das pessoas tidas como loucas/malucas, pois suas ações conduzidas por seus corpos não possuem valores sociais.

O corpo infamizado de Gislaine segue sofrendo violência quando Leonardo tenta subordinar a vítima como causadora da situação. Isso porque, os enunciados **Essa puta**

**que cuspiu na minha cara e Para com isso por quê? Ela cusp...** funcionam como tentativa de culpabilizar a vítima, criando uma dualidade entre o real agressor e a falsa agressora. Esse discurso misógino é naturalizado pelo ódio que o homem possui por, em algum momento específico das relações de poder, a mulher passar a causar ameaça ao controle masculino. Leonardo, com tantas violências ao corpo de Gislaíne, acredita que possui o direito nato de conduzir o corpo feminino por decorrência dos privilégios masculinos que ele possui.

### **Considerações finais**

Neste artigo discutimos a construção do corpo feminino infamizado por relações discursivas que autorizam o rebaixamento de mulheres. Para isso, propomos a alteração de sentido conceitual do termo infame – elemento de condição natural – para infamizado – elemento discursivo pelo qual o sujeito que sofreu uma ação. Nossa proposta esteve centrada nos estudos de Foucault, para quem o sentido do discurso está no processo de compreensão de enunciados que surgem como marcadores de situações reais em que o sujeito expressa sua posição.

Nossa resposta à questão-norteadora está na percepção de que o discurso opera como reprodutor histórico de saberes, poderes e regimes de verdades que buscam beneficiar grupos específicos na hierarquia de superioridade social. Através dessa percepção, o corpo feminino é constantemente conduzido por discursos advindos do patriarcado, que desencadeiam normativas morais para condutas femininas, orquestradas e moldadas através de práticas machistas e misóginas, principalmente, quando o corpo feminino vai contra o sistema vigente do patriarcado.

Nesse sentido, alcançamos o nosso objetivo de discutir a construção do corpo feminino infamizado, destacando os alicerces reprodutores do patriarcado, grupo sistemático que beneficia o privilégio masculino e silenciam às mulheres a partir de condutas machistas e misóginas. Após as análises, concluímos que, na série Segunda Chamada, o corpo feminino é um molde social organizado por discursos sócio-históricos e posicionados em uma situação de subordinação. No entanto, este corpo é dotado de possibilidade de resistência ao romper com a normalidade social ao qual foi destinado.

Logo, a história narrativa de Segunda Chamada é uma possibilidade de compreender como múltiplos corpos são infamizados e excluídos na sociedade por

decorrência de diferentes formas de ação sobre corpos que fogem da disciplina dominante. Isso nos permite difundir nos estudos da análise do discurso a compreensão de como a marginalização e opressão operam na condução de corpos não desejáveis, logo infamizados.

Diante do todo percorrido, concluímos com a visão de que o corpo feminino é um produto social moldado e conduzido por relações discursivas que tendem, sob a égide do domínio masculino, a naturalizar a sua desvalorização e autorizar a sua desimportância de acordo com o contexto sócio-histórico e cultural vigente. Por essa razão, quando a mulher entra em desacordo com a vigência patriarcal, machista e misógina, sua conduta a fazer ser conduzida a infamidade; seu corpo é infamizado pela verdade sustentada nos princípios da moralidade masculina. No caso da personagem observada, a não aceitação ao assédio sofrido a fez infligir as normativas da sociedade dominada por homens, e tal inflação gerou seu corpo infamizado.

## Referências

- BACCEGA, Maria Aparecida. A construção do “real” e do “ficcional”. In: FIGARO, Roseli. et.al. (Orgs.). **Comunicação e análise do discurso**. 1.ed. São Paulo:Contexto, 2013, p. 119-140.
- BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Revista Cadernos Pagu**, Campinas (SP), v. 42, p. 249-274, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420249>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- FOUCAULT, Michel. [1961]. **A história da loucura na idade clássica**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- FOUCAULT, Michel [1969]. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. [1970]. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. [1975]. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalheite. 42. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. [1976]. **Microfísica do poder**. 16 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2023.

FOUCAULT, Michel. [1977]. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 223-240. Coleção Ditos e Escritos vol. IV

FOUCAULT, Michel. [1982]. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Cerrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-250.

FOUCAULT, Michel. [1984] A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In.: **Ética, sexualidade e política**. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. Coleção Ditos e Escritos vol. IV.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos**. 2ª. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.